

Prólogo

TIAGO ANDELO

Em abril de 1992 o mafioso John Gotti é condenado a prisão perpétua por um tribunal de Nova Iorque, Bósnia-Herzegovina declara a sua independência da Jugoslávia e uma granada de fabricação espanhola estoura em frente da casa natal de Ernesto Che Guevara. É claro, 1992 foi também o ano das Olimpíadas de Barcelona, da EXPO de Sevilha ou o segundo ano triunfal de Manuel Fraga na Galiza. No entanto, para o reintegracionismo, abril de 92 sempre será recordado como o mês da publicação da *História da Língua em Banda Desenhada (HLBD)*.

Quando me propuseram escrever o presente prólogo veio-me, de repente, um aceno de responsabilidade. Escrever sobre o que para mim foi e, pelos vistos continuará a ser o artefacto perfeito de socialização do reintegracionismo, não era uma tarefa simples. De modo que comecei a procurar algum episódio na minha memória.

Lembrei-me de dois alunos de Bacharelato que, com apenas dezassete anos, passavam as aulas de galego a olhar para as páginas da *HLBD*. Ainda hoje não sei como chegou até nós, mas o certo é que já estávamos a ser seduzidos pelo lado escuro da língua. O veículo, os magníficos desenhos do coletivo Pestinho e do Frente Comixário, e dois códigos, a banda desenhada e o humor, pouco ou nada transitados para difundir a nossa história.

Também recordei o meu professor de galego. Lembro-me como parou à nossa frente e com um sorriso de cumplicidade disse: “Está muito bem!”. Ele, como tantos outros discípulos de Carvalho Calero tinha clara a unidade entre o galego e o português, embora levasse o seu pensamento na intimidade.

E nós, dois adolescentes castelhano-falantes dum IES qualquer, sabíamos graças à *HLBD*, o que era um conflito normativo.

Eu sei, não é uma grande história, mas se há um movimento cheio de histórias pequenas, às vezes quase minúsculas mas imprescindíveis, esse é o movimento reintegracionista. Não havia uma outra alternativa. Apenas dez anos antes, o Grupo Galáxia¹ e as elites originárias do franquismo pactuavam as nefastas *NOMIGA*². Para chegar àquele *Pacto da normalización*, tiveram que rejeitar primeiro a proposta de Carvalho Calero, uma norma aprovada em fevereiro de 1980 e que deixava a porta aberta à confluência futura com o português. Em consequência, ficava à margem da legalidade a pessoa com maior poder simbólico para codificar as nossas falas, bem como grande parte das organizações que utilizavam o galego como língua nacional.

Foi Josep Fontana quem disse: “qualquer comunidade tem tantas histórias possíveis como projetos de futuro fornecerem os seus membros. E não tem nada de estranho, em consequência, que quando um coletivo não se sentir refletido pelo tipo de história que se lhe quer impor, reaja formulando a sua alternativa”³. Se há na Galiza um movimento com um projeto de futuro para o galego, esse é o reintegracionismo. Talvez por isso somente demorou dez anos em construir o seu próprio relato. E ainda mais paradoxal que quando o fez foi através da linguagem da banda desenhada. Toda uma declaração de intenções!

Ficava atrás uma década, a de oitenta, onde os partidários da unificação ortográfica focaram os

1. A estratégia de Ramón Piñeiro de galeguizar diferentes estruturas durante a transição consegue colocar um dos seus homens, Fernández Albor (AP), como presidente da Xunta de Galicia, Garcia Sabell presidente da Real Academia Gallega (1979-1997), um cargo que acumulou entre 1981-1996 com a delegação do Governo Espanhol na Galiza, e Filgueira Valverde como Conselleiro de Cultura. Aliás, Ramón Piñeiro foi eleito deputado autonómico nas filas do PSOE e presidente do Consello da Cultura Galega.
2. Normas Ortográficas e Morfológicas do Idioma Galego.
3. Em FONTANA, J. (2007), *A construción da identidade*, A Coruña: Laiovento, p.19.

seus esforços em combater as NOMIGA no âmbito académico. O *Estudo Crítico*, os livros de Carvalho Calero ou a *Revista Agália* são uma boa amostra. E abria-se, com a década de noventa, um tempo novo, uma autêntica mudança de paradigma. O reintegracionismo deixava de ser uma proposta linguística para integrar o corpus ideológico dum heterogéneo e transversal movimento social.

A *HLBD* não só foi bom um produto, um produto que alcançou um rápido e espetacular sucesso editorial, mas também serviu de aglutinador dum amplo leque organizativo que estava a germinar⁴. De facto, não passaram sequer dois anos e a Associação Reintegracionista Artábria junto com diferentes coletivos publicavam a *História da Galiza em Banda Desenhada*⁵. E nesse mesmo ano começava o processo de confluência que levaria à posterior fundação do MDL (Movimento Defesa da Língua). Poder-se-ia dizer que tudo começou com a *História da Língua*.

Além disso, os autores tinham muito claro quais eram os seus objetivos: “ser umha alternativa ao folclorismo cultural e linguístico que se promove com dinheiros públicos, umha alternativa a todos os editores, júris e premiados que veem no nosso idioma um negocio mais”.

Sem o saberem, com a sua denúncia estavam a adiantar-se ao que hoje é conhecido como a *Cultura da Transição* (CT). O termo, difundido nos últimos anos pelo jornalista Guillem Martínez, alude à cultura pro-

duzida no Estado Espanhol posterior ao franquismo. Uma cultura onde qualquer artefacto: filme, discurso, cantiga, romance (ou padrão linguístico) estariam absolutamente pautados e previstos. Em definitiva, uma cultura: “consensual e vertical que agiu, desde os anos oitenta, como o paradigma cultural unificador de consciências políticas e sociais. Como o único cenário possível da realidade durante décadas”⁶.

Sobre cenários possíveis e impossíveis, sobre culturas hegemónicas e marginais ou sobre paradigmas culturais unificadores, o reintegracionismo sabe um mundo. Afortunadamente, aqueles estreitos cenários da *Cultura da Normalização* estão a ser transitados. Aqueles muros insuperáveis começam a ser ultrapassados. E o que parecia impossível há apenas cinco anos, hoje é uma realidade tangível.

Em abril de 2017 terão passado vinte e cinco anos da aparição da primeira *História da Língua em Banda Desenhada*. Desde então, aconteceram grandes sucessos e sonoros fracassos. O reintegracionismo parece condenado ao minifúndio, mas paradoxalmente foi daí de onde surgiram as melhores notícias: o nascimento do *Portal Galego da Língua*, a criação dos *Centros Sociais*, o mensal *Novas da Galiza*, a fundação da *AGLP*⁷, a aprovação da *ILP Paz Andrade*⁸, as parcerias com editoras como Xerais ou a recente entrada do Consello da Cultura Galega na *CPLP*⁹ são simplesmente alguns exemplos. A *HLBD* contribuiu para que tudo isso fosse possível. E, ao que parece, continuará a seguir fazendo-o. Divirtam-se!

-
4. O que partiu como uma ideia inicial promovida pelo *Grupo Reintegracionista Autónomo Meendinho*, muito bem acolhida pelo colectivo Pestinho e o Frente Comixário, foi capaz de aglutinar em torno da sua primeira edição à própria *AGAL* e a diferentes Grupos Reintegracionistas de Base: Artábria (Trasancos-Ferrol), Bonaval (Compostela), V Irmandade (Vigo), CRÊS (Salnés) e Marcial Valadares (Estrada).
 5. Entre eles *A Gente da Barreira* (Ourense), a *A.C. Auriense*, a *S.C.D. O Condado*, *Aquém-Douro* (Tui), *Renovação* e a *Associação Cultural Aloia* (Barcelona).
 6. Em vv.AA. (2012), *CT o la Cultura de la Transición. Crítica a 35 años de cultura española*. Madrid: Debolsillo.
 7. Academia Galega da Língua Portuguesa.
 8. Esta *Lei de aproveitamento da lingua portuguesa e vínculos coa Lusofonia* foi aprovada por todos os partidos políticos no Parlamento Galego em 11 de março de 2014.
 9. Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.